

Redacção e administração  
R. de S. Martinho

Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,  
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 192

**Assignaturas**

AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 13500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

## EM FRANÇA

Continúa a republica franceza na sua grande lucta contra o espirito de reacção que a tem dominado até hoje. É essa lucta constitue um grande ensinamento para aquelles que sejam susceptiveis de aprender.

Não ha nada peor que os meios republicanos, os quaes equivalem, na vida particular, aos falsos amigos. Foram esses meios republicanos, creaturas que estão de bem com Deus e com o Diabo, mas muito mais dedicados ao primeiro do que ao segundo, que comprometteram a republica franceza, como a promettem a democracia em toda a parte.

E não os confundamos com os opportunistas. Opportunista é o proprio radical, é o proprio socialista desde que não seja tolo. Ser opportunista não exclue as mais avançadas, e, ao mesmo tempo, as mais sinceras aspirações. Ser opportunista é esperar a occasião e aproveitá-la. Ora os que se dizem opportunistas para esconderem a falta de convicções fazem exactamente o contrario: a occasião vem, a occasião chega e elles deixam-na ir sem a aproveitarem.

A estes chamamos nós meios republicanos. São os falsos amigos, os tartufos.

A republica franceza deixou-se absorver por esses mariolas, que se aproveitaram da situação, não para espalharem e enraizarem o espirito democratico, mas para espalharem e enraizarem o espirito reaccionario. E foram tão longe, neste sentido, que quando os verdadeiros republicanos abriram os olhos estava a republica quasi perdida.

Apprendam todos n'esse exemplo. Em Portugal, como na Hespanha, como na Italia, não tem succedido o mesmo, porque ainda não existe n'estes paizes um governo republicano. Mas as difficuldades, as grandes difficuldades que os partidos democraticos teem encontrado, para uma sólida organização, n'estes paizes, provem dos mesmos elementos que estiveram a ponto de fazer naufragar a republica franceza.

Na republica franceza foi ao elemento clerical que os meios republicanos entregaram toda a preponderancia. Em Portugal, ainda hoje são numerosos os que, dizendo-se republicanos, entendem que é um erro combater o padre. Como se o padre, que representa o maior dos preconceitos, pudesse, em regra, ser amigo sincero da verdade!

Ponham todos os olhos na França. A deploravel questão Dreyfus, que é uma série de grandes infamias, provem exclusivamente da influencia clerical.

Essa questão teve a vantagem de chamar as atenções geraes para as machinações do clero. Viu-se, com assombro, que, ao fim de trinta annos de republica, essas machinações eram de tal ordem que ameaçavam subverter a republica.

Cuidado, pois.

Não esqueçamos nunca que o perigo, o grande perigo das sociedades modernas, é o poder clerical.

Combater sem tréguas nem descanso a influencia da Egreja é a melhor maneira de servir eficazmente a democracia.

Cada homem tem tres caracteres: o que elle tem, o que julga ter e o que quer ter.

ARTHUR KARR.

## Cartas d'Algures

10 DE ABRIL.

Foi-se o rei de Inglaterra. Acabaram as festas. E ficou-se discutindo a vantagem e a desvantagem da alliança ingleza, a conveniencia e a inconveniencia da visita.

Eu já disse alguma coisa a esse respeito. Os republicanos deviam ser reservados, limitando-se a registar os agravos que temos recebido da Inglaterra, sem combaterem vivamente a alliança com este paiz. Combater essa alliança, abertamente, é um erro. E os republicanos tinham tempo de aprender com as lições.

Não ha duvida que a alliança ingleza nos tem sahido cara. É certo que, sob esse ponto de vista, não podemos morrer d'amores pela Inglaterra e todos nós temos dado largas ao nosso justo resentimento contra ella. Tambem eu o tenho feito, á parte a minha admiração pelo espirito culto, progressivo, liberal que esse grande paiz patenteia sempre no seu governo interno. Mas hoje estamos n'este dilemma: ou manter a alliança com a Inglaterra ou perder as colonias todas.

Querem os republicanos assumir a responsabilidade de fazerem com que o paiz perca as suas colonias? Se querem, está bem. Se amanhã, por um movimento revolucionario improvavel, mas possivel, forem ao poder, deem á margem as colonias e quebrem a alliança com a Inglaterra. Mas se querem manter o dominio ultramarino, ou parte d'elle, hão de continuar com a alliança ingleza como ella tem persistido até hoje.

Não é preciso vêr muito para isto. N'esse caso é tolice estar a proclamar allianças com a Hespanha e a sonhar federações ibéricas, que ha de ser obra lenta

do tempo. Sonhar federações ibéricas e combater a alliança ingleza, de mais a mais no instante em que o paiz accentua uma forte corrente a favor d'esta alliança, deixar, n'este instante, arregar a convicção de que a alliança ingleza é obra exclusiva da monarchia, é asneira grossa, permittam que lh'o digamos.

Não ha duvida nenhuma que o ideal seria uma federação ibérica, em que Portugal conservasse intacta a sua autonomia. Mas nem os proprios hespanhoes são partidarios do federalismo, na sua maioria, nem a Hespanha está em condições de offerecer garantias d'estabilidade a um pacto de tal ordem. A Hespanha está tão bruta como Portugal, para que saiba conhecer e respeitar o direito.

O direito só se respeita com uma forte educação civica. Não a tem a Hespanha. Não tem sentimentos de amizade por nós. Não tem tradições, para conosco, nem tendencias senão de absorção. Então aguardemos os federalismos para mais tarde e, entretanto, não ha remedio senão ir aproveitando a alliança ingleza.

Este é o facto. Facto fatal, se os republicanos vierem a ir ao poder. E se é um facto, que irresistivelmente se impõe, para que havemos de estar hoje a condemnar aquillo que amanhã havemos de approvar?

A Inglaterra rouba-nos, dizem. Pois rouba, rouba. Mas tambem a Hespanha, ou a França, ou qualquer outra nos tinham roubado nas mesmas condições. Pois põem duvidas a esse respeito? Valha-os Deus!

Nem todos nós temos pensado assim. Mas se a gente não ha de ir apprendendo com as lições e com o tempo para que diabo nos serve a cabeça? Não queiramos lavar a nós proprios diplomatas de burros. Ha muitas opiniões que teem de se modificar com novos pontos de vista, com mudanças de circumstancias, com novos ensinamentos, etc.

A Inglaterra rouba-nos, é certo. Tambem é asneira ou hypocrisia affirmar o contrario. Mas se a repellimos, ella rouba tudo por uma vez. E, assim, sempre nos ha de deixar ficar alguma coisa.

Politica de conveniencias e de necessidade! Mas é a politica de todo o mundo, á hora presente, e não temos remedio senão ir na corrente dos outros.

Alliança só por amor dos nossos olhos nenhuma nação a faz conosco.

A alliança com a Inglaterra impõe-se como uma grande necessidade. Confraternizemos com a Hespanha, preparemos os espiritos para a obra da federação ibérica, não contrariamos a evo-

lução nem a propaganda n'esse sentido, mas não hostilizemos com muita vivacidade a Inglaterra, porque o mais provavel é que a alliança com ella dure muitos annos ainda depois da republica proclamada em Portugal.

Isso é o mais provavel. Sendo-o, levar ao espirito da Inglaterra a convicção de que a democracia portugueza lhe é abertamente hostil, é grande disparate. Convençam-na antes de que a alliança é, em Portugal, obra do paiz e não obra exclusiva da monarchia, com a differença de que a monarchia tem tido para com ella muitas subservencias e

muitas acquiescencias faceis que a democracia não poderia ter. A monarchia tem procurado servir mais os seus proprios interesses do que os interesses do paiz. E a democracia só precisa de salvaguardar os interesses nacionais.

Digam-lhe isso, que isso comprehende ella muito bem. Ella bem sabe fazer a differença.

De resto, mandarmos a Inglaterra á fava para nos lançarmos a correr nos braços da Hespanha, se é obra que ninguem faz é obra que só por asneira se pôde apregoar e proclamar.

A. B.

## A SEMANA SANTA

Penetremos na egreja a vêr esta farçada.  
Uns entram para vêr a casa illuminada,  
(Os dandys é por chic, os velhos por decoro;  
Estes é para ouvir tocar umas quadrilhas,  
E os outros, que sei eu!... para vender as filhas  
Para matar o tempo ou arranjar namoro.

La vae o pregador dizer a seremonata  
Tossiu, cuspiu, sorriu, beben a sua orchata  
E começa a falar. Tem uns bonitos dentes.  
E com gesto facundo e voz amaneirada  
Recita uma enfiada  
De tropos excellentes.

Acabou-se. O auditorio  
Gostou do farelorio  
Como gostámos nós.  
Soltam-se exclamações por entre algum rumor:  
— Muito bem! muito bem! — E' um grande pregador. —  
— Foi um rico sermão! — E que bonita voz! —

E é esta a tua casa ó meu pobre Jesus!  
Não te bastou a cruz;  
Era preciso o altar.  
Que destino cruel, que tragica ironia!  
Nasces na estrebaria,  
Vives no lupanar!

Desfila pela rna immensa multidão.  
Saiu a procissão;  
Paremos um instante. E' curioso isto.  
Que farças imbecis, que velhas pompas mudas!  
Lá vae pegando ao pálio o teu amigo Judas,  
Que está, como tu vês, commendador de Christo!

Os anjos theatraes caminham lentamente  
Com azas de galão feitas expressamente  
Nas lojas de Paris.  
Pobres anjos do céu! querem martyrisal-os:  
Vão cheios de suor e apertam-lhe os callos  
As botas de verniz.

Agora passas tu n'um palanquim bordado.  
Coitado!  
Muito trabalho tem quem faz religiões!  
Repara como vaes, olha que bella tunica:  
E' pavorosa, é unica!  
Off'receu-ta um burguez u'um dia de eleições.

E atraz do velho andor e atraz das velhas opas  
Vão desfilando agora os esquadrões das tropas  
Com gesto marcial.  
Tu que amavas os bons, os simples e as creanças,  
Seguido como os reis d'um matagal de lanças,  
Meu pobre general!

## Renascimento da questão Dreyfus

**Generaes Jeanitas — Derrota dos reacçãoarios — Apuramento da verdade — Mais um documento falso**

Lê-se no nosso presado collegio *O Debate*, diário de Lisboa, o seguinte sobre esta celebre questão:

Hontem (7 do corrente) o deputado socialista Jaurès levantou violentamente a questão Dreyfus na discussão da eleição de Syveton.

Dizendo que a celebre questão serviu de trampolim eleitoral aos nacionalistas, que, a troco de defenderem o exercito e a patria davam os avanços como rendidos aos judeus, Jaurès recordou toda essa monstruosidade que se chamou o processo Dreyfus.

Alludindo á carta attribuida pelo grande estado maior ao imperador da Alemanha, apontou-a como um novo documento falso, forjado por Henry, para em 1897 ir pedir a revisão do processo.

Esse documento, de que não se falou em 1894, esse documento, chamado: «Este e malha de Dreyfus» pertence ao numero dos que foram forjados por ordem do estado maior para encobrir a primeira falsificação.

Alludiu ao suicidio de Henry, e fez uma carta que o general Pellieux escreveu em 31 de agosto de 1898 ao ministro da guerra, então o general Cavaignac.

A carta diz: «Esguado por homens sem honra, não podendo contar com a confiança dos meus subordinados sem a qual é impossível o commando, não podendo ter confiança em chefes que me obrigaram a trabalhar em falsificações, peço para ser passado á reserva.»

Produziu a mais funda impressão essa carta desconhecida até hoje, e que tanta luz vem lançar sobre a questão.

Brisson, que era então presidente do conselho, declarou ignorar a existência.

Todos se voltam para o general Cavaignac, ministro da guerra d'essa situação.

Ao começo mantem-se silencioso, com quanto não possa dominar a sua emoção.

Por fim pede a palavra, mas, imponentemente perturbado, não pôde falar.

Então Brisson accusou-o violentamente, bradando:

— General Cavaignac o senhor sabia que Henry era um falsario e não previniu o seu chefe, como lhe cumpria; o senhor occultou a carta do general Pellieux; além d'isso o senhor, leu á camara um documento, tendo a consciencia de que era falso, e tudo isto fez para occultar provas decisivas, que com certeza o arrastariam aos tribunales.

Bemdigada a amnistia que o livra de ser processado!

Saudando Brisson, a camara rompe em entusiasticos gritos de viva a republica, abaixo o militarismo clerical, abaixo os bonets agalados.

Foi então imenso o tumulto.

Cavaignac ergueu-se pallido, transpirando, feições descompostas.

Affirma reconhecer a authenticidade da carta, declarando porém não a ter recebido opportunamente.

Toda a camara soltou contra elle gritos de indignação, insultando-o com violencia.

Cavaignac cahiu no fauencil, como que fulminado, livido como um cadaver, balbuciando:

— Não sou orador, não sou orador.

Algumas vozes bradaram: — Não é preciso eloquencia mas honestidade.

Cavaignac fica como que esmagado pela indignação geral.

Então Brisson levanta-se de novo, e n'uma eloquencia arrebatadora dirige contra o general um terrivel ataque, sangrento, cruel, entre os applausos unanimes da camara e das galerias.

Accusa-o de lhe ter occultado a verdade, e de ter combinado com Mercier a continuação da infame farsa.

A 14 de agosto o senhor teve conhecimento do documento falso, e, dizendo ir a Mans na intenção de presidir ao conselho da guerra, foi ali apenas na intenção de combinar com o general Mercier, commandante do corpo do exercito ali estacionado, a infame farsa.

O senhor enganou-me vilmente! A 31 do mesmo mez Henry suicidava-se.

No mesmo dia o senhor recebeu a carta do general Pellieux, carta que teve a vilania de occultar ao presidente do conselho de que fazia parte.

Um dia felicitei-o por ter apresentado um projecto democratico, seguindo as tradições do seu illustre antepassado Godofredo de Cavaignac. Freqüentemente passo junto do monumento que lhe perpetua a memoria.

Pergunto a mim mesmo, olhando a figura moldada em bronze, se aquella mão que segura e que empunha o sabre em defeza da patria não está clamando maldição, se aquella valiosa figura não lhe está bradando:

— E's o meu descendente pelo sangue, mas não pelas ideias!

A camara applaudiu freneticamente.

Na sessão da noite Jaurès usou enorme assistencia na camara e nas galerias.

Pediu um inquerito sobre as graves accusações contidas na carta do general Pellieux.

Falou nos documentos falsos do processo Dreyfus, especialmente ao *bordereaux*, e atacou violentamente o partido nacionalista.

Estabeleceu-se grande tumulto pelos protestos dos deputados d'este partido.

Jaurès lê uma carta do medico Dumas, explicando uma conversação entre o commandante Merle e um dos juizes de Rennes.

Affirma-se n'essa carta que Merle, reconhecendo a falsidade dos documentos que serviram para o julgamento de Dreyfus, está prompto a restabelecer a verdade dos factos.

Insistindo em que era preciso fazer muita luz, tornou a alludir á pretendida carta de Guilherme II, provocando a sua falsidade.

Foi applaudido phreneticamente pela esquerda, enquanto a direita bradava: «A Berlin! A Berlin!» cantando a aria dos lampiões.

O ministro da guerra, general An-

dré, sóbe á tribuna e diz que o governo acceta um inquerito administrativo sobre a questão.

Cavaignac, serenado da primeira impressão, declara assumir a responsabilidade do que se passou no seu ministerio.

Entre elle e Brisson trocam-se violentas explicações.

Cavaignac lê uma carta do general Zurlinder, e diz que os documentos apresentados por Jaurès tem pouco interesse.

Lasées, deputado nacionalista, accusa o general André de prender e major Cuignet e declara falso o telegramma de Parisardi.

Estabelece-se de novo tumulto, no meio do qual o general André responde, sendo increpado pelos nacionalistas que lhe bradam! «Demittase! demittase!»

Lasées renova a versão nacionalista de que Dreyfus confessou indirectamente a sua culpabilidade, accitando a commutação da pena.

O *Journal des Debits* diz que o que se passou entre Cavaignac e Brisson mostra com que furor os partidos se precipitarão uns contra os outros, despedaçando o paiz.

— Uma linguagem simples é o orgão de um puro coração: é sempre a expressão do sentimento.

Sahi á estacada em defeza do reverendo d'Eirol, o nosso celebrado e bem conhecido *Garoto*, o aldrabão-mór do reino, o estoira vergas mais desavergonhado que tem palmilhado terras de Portugal.

Mas quem tal disséra; quem tal disséra.

O lascivinho *roupeta* a fazer de moraleiro quando a moral nunca encontrou o numero da sua porta.

O cynico histrião a pregar moralidade, quando elle em si é um perfeito fóco de podridão e de miseria.

Elle, o hypocrita farçante, que enche semanalmente uma papeleta de immoralidades e de asneiras; elle, o provocador da conver-

sação, que de manhã se põe de côcoras, na mais refinada hypocrisia, deante do santo seu *patrono*, e á tarde via comprar tangerinas á praça para ter o prazer de ouvir a *bellesa* da linguagem *regateira*; elle, que, recebendo alguma agatanhadella na pórcas foinheira, foi dizer cobras e lagartos do *officio* que o ajuda a viver!

O pulha, o réles salafreiro, o capacho nojento do morgado do Carmo a pregar moralidade escaranchado nas columnas da mais infame e asquerosa papeleta que conhecemos!!

Tem graça, muita graça.

Para quem o não conhece ainda uma vez se poderá illudir, mas quem o tem aqui ao pé da porta, o vê, o ouve e o sente, o caso ainda então de figura.

Tambem, quem lêr uma vez o asqueroso papelucho onde vomita as pórcas sandices que infamemente rabisca, lê ao mesmo tempo a sua relissima alma e os seus perversos instinctos de canalha.

Sua alma, sua palma.

não eram sinceros judeus, tambem não eram sinceros catholicos. Qualquer das coisas, no entender dos theologos, era agnal á outra como affrontamento á verdadeira religião.

Heitor Dias da Paz andava espreitando. Seus discipulos propriamente o provocavam a questões theologicas, das quaes elle se desembaraçava, dando-se como ignorante de subtilidades e aceitando os dogmas sem discussão. O conceito dos espiões de sua consciencia não melhorava por isso; quando muito, concediam-lhe a boa qualidade de judeu discreto.

Assim correu o segundo anno da sua formatura, sem acontecimento que o precatasse contra alguma violencia.

Voltou Heitor ao terceiro anno, com o coração retalhado de sauda-

des de sua mãe que ficava morta. Levou consigo para Coimbra o paço que se queria deixar morrer na alcova d'onde lhe levaram o cadaver da esposa. A convivencia do filho deu-lhe alma, e esperança de peito onde inclinar a cabeça na velhice. Não obstante, a saudade levou-o ás portas da morte.

Aquella ida do velho a Coimbra foi desgraça para Heitor. Francisco de Moraes, em risco de vida resistira a receber os sacramentos, porque o seu morrer, sem ritual da religião alguma queria elle que fosse um como adormecer inclinado ao respaldo da cadeira. Estrondeou o escandalo nas abobodas dos conventos. Heitor, com o rosto coberto de lagrimas, quando sua alma estava a mendigar palavras de consolação, porque via alli o paço moribundo, tinha de explicar ás cata-

duras severas dos frades e visinhos a turvação de seu paço, e a, por isso, involuntaria privação de sacramentos. Redarguido nas satisfações que dava, replicou talvez com descomedimento, quando já seu paço se tinha passado a Villa Flor. Da réplica, provavelmente, foi lavrada acta no gabinete do procurador fiscal do santo officio. O certo foi que, vinte dias depois, Heitor Duarte da Paz, ao entrar nos geraes da universidade, foi acercoado de tres familiares, que o conduziram ao carcere da inquisição.

Bemdigada a mão da Providencia, que já tinha fechadas as palpebras da mãe d'aquella moço!

Braz Luiz, comquanto desde o momento em que o seu protector foi preso ficasse privado de recursos para continuar como pensionario em S. Paulo, não foi despedido.

## A BENÇÃO DA LOCOMOTIVA

A obra está completa. A machina flammeja, Desenrolando o fumo em ondas pelo ar; Mas antes de partir, mandem chamar a Igreja, Que é preciso que um bispo a venha baptisar.

Como ella é com certeza o fructo de Caim, A filha da Razão, da independencia humana, Botem-lhe na fornalha uns trechos de latim, E convertam-n'a á fé catholica-romana.

Devem n'ella existir diabolicos peccados, Porque é feita de cobre e de ferro; e estes metaes Saem da natureza, impios, excommungados, Como saímos nós dos ventres maternas.

Vamos, esconjurae-lhe o demo que ella encerra, Extrahi a heresia ao aço lampejante! Ella acaba de vir das forjas d'Inglaterra, Ha-de ser com certeza um pouco protestante.

Para que o monstro corra em fervido galope, Como um sonho febril, n'um doide turbilhão, Além do machinista é necessario o hyssope, E muita theologia... além de algum carvão.

Atirem-lhe uma hostia á bocca famulenta, Preguem-lhe alguns sermões, obriguem-n'a a resar, E lancem na caldeira um jorro d'agua benta, Que com agua do céu talvez não possa andar.

GUERRA JUNQUEIRO.

### Aniversario

Passou na segunda-feira o 34.º anniversario natalicio do nosso amigo sr. Mario Duarte. S. ex.º recebeu n'esse dia, na sua casa de Lisboa, as felicitações dos seus numerosos amigos.

Deus concedeu-nos a todos a facilidade de conhecer o bem, e é Elle ainda que nos dá força de o praticar.

MADAME C. FÉE.

O frei *Garoto da Purificação do Carmo*, além de tudo o mais que é, é tambem um refinadissimo e safado impostor. Como lhe não damos licença de nos morder os calcanhares, porque a distancia o contemno em respeito, entretem-se o cynico em levantar falsidades e attrictos com pessoas que nos interessam.

Mas nós, com uma simples penna, vamos reduzi-lo á sua triste situação de embasteiro e mostrar a quem nos lê, como o mastina mente e enreda por simples vingança.

Diz o *farçante* que a pedra empregada na rua da Estação pela camara municipal, é superior á que foi empregada na rua Direita. Mente o villão com quantos dentes tem na bocca. A pedra empregada na rua Direita é muito superior á empregada na rua da Estação, porque é muito mais rijal e de superior qualidade, motivo porque custou mais 200 réis em caixa, como se pôde provar.

Disse mais o bom do *roupeta* que a pedra era miudinha de mais e impropria para ali ser empregada. Mais uma vez mentiu o *Garoto da Purificação*. Se alguma relutancia houve da parte de quem no caso superintende

em aceitar a pedra, era justamente pelo contrario, por a acharem grada de mais, razão porque o empreiteiro foi obrigado a mandar novamente britar alguma, no local onde tinha de ser empregada.

Se frei *Garoto* tivesse olhos para vêr e bocca para perguntar, ter se hia informado da verdade sem ser preciso vir a publico blasonar imposturas, que ficam mal a toda a gente, mas especialmense áquelle que tem por dever ser verdadeiro.

D'esta fórma pôde estar descansado que não encravará as unhas quando passar pela estrada concertada.

Passam por ali muitas creaturas de equal jaz e não se queixam de encravadas.

Encravado e bem encravado está o *Garoto* nos bicos d'esta caneta.

Será ella, se não mudar de rumo, o seu eterno supplicio; será ainda ella que lhe esfarelará a mascara da hypocrisia com que tapa o nojento rosto e o apresentará, tal qual é, á irrisão de um publico inteiro.

E os seus castelinhos de cartas, por signal mal engendrados, cahirão por terra ao mais leve sopro da verdade.

### Theatro Universal

Hontem, em beneficio da actriz e prestidigitadora sr.ª Maria José Gomes representou-se n'este theatro do Rocio, o drama em 3 actos — *A Pena de Morte* — em cujo desempenho tomaram parte alguns amadores d'Aveiro, entre elles o conhecido comico João Telles.

— Hoje, repete-se o mesmo drama. Fallaremos do seu desempenho.

Os frades paulistanos consideravam-no optimo estudante, e alma nova para se deixar fecundar em proveito da santa religião. Além de que o orphão, esquecido do nome de seus paes, senão engeitado d'elles, não tinha culpa minima do hebraismo de quem o protegia. N'este mesmo parecer assentaram os frades dominicanos: honra lhes seja. E, portanto, Braz Luiz conservou-se no collegio a expensas da casa, sem licença do reitor, e por largo tempo ignorante do destino de seu benefactor, até que, no fim d'aquella anno de 1704, os mestres lhe disseram que Heitor Dias da Paz se estava purificando de peccados gravissimos, para remedio dos quaes lhe auctora a vigilancia misericordiosa do santo tribunal da inquisição.

Braz chorou muito, e c'hiu fe-

(10) **FOLHETIM**  
CAMILLO CASTELLO BRANCO  
**O OLHO DE VIDRO**  
(Romance historico)

III

### O faro das bestas feras

Os de S. Paulo repetiram o inquerito com arditos rodeios. Braz, já cabalmente instruido, cortava-lhes as voltas com respostas por demazia atiladas; de modo que deu força ás suspeitas mostrando estar apercebido para destrui-las.

A este tempo sobejamente sabia o conselho da inquisição que os christãos novos de Villa Flór, se

Ora toma...

Na correspondencia de Aveiro para a Soberania do Povo, d'Agueda, lê-se o seguinte sualto cheio de verdade a respeito de frei Garoto Arreberta Gilhas:

«Causa nojo e faz referver o sangue nas veias ao mais pacato cidadão, a fôrma por que um misérmo de roupeta ataca e insulta, n'um reles e asqueroso pasquim que aqui se publica, cavalheiros que, pela sua idade e já-mais pela posição que occupam na sociedade, mais alguma consideração deviam merecer aquelle... cavalheiro.

Ha-de ser sempre o eterno poltrão, o parvajolla immundo que rebusca na linguagem perversa de regateira de praça, o calão reles e asqueroso que vomita ao domingo pelo mencionado cano d'esgoto. O que vale é que a sua peçonhenta baba nem sequer os tacões das botas d'aquelles cavalheiros attinge. Os dentes partidos é o que elle precisa.»

E era.

— E' cousa injuriosa formar logo um conceito mau pela relação de um só, ainda que por uma unica se não deva desprezar por cautela.

Na terça-feira ha exercicio de bivaque pelo regimento de infantaria 24, no campo da Oliveirinha. Já na segunda-feira ultima o regimento foi em ordem de marcha até á Vista Alegre, agradando bastante o bom aspecto e boa ordem dos briosos militares.

Não é o mesmo que atravessou ha um anno as ruas da cidade. Garboso e em extremo disciplinado pôde dizer se que é um dos melhores do paiz.

Aveiro rejubila com o seu regimento, e, certamente, não haveriam forças humanas que d'aquí o arrancassem.

Tempo

Dias tórridos, de verdadeiro calor, os que vamos atravessando. Não são proprios da presente estação e por isso não é de estranhar que tenhamos por ali algumas chuvas, que de resto tão precisas se vão tornando para a agricultura.

A data do nosso jornal tem andado excommungada por parte de frei Chica. No numero de 15 de março sahio 51 de março; e no de 5 de abril sahio 5 de março. Mas foi complacente conosco, pois que acaba de nos levantar o anáthema e promette de futuro não mais praticar semelhante piraça aos nossos involuntarios desconfios.

Alleluia! Alleluia!

— Não se pó le esperar cousa alguma de um estado em que os paes e as mães são impunemente desprezados.

bril na cama. O chorar e o adorar do moço mereca compaixão dos mestres, que o consolaram com esperanças seguras da que o seu protector havia de sahio limpo e abolto d'entre as mãos dos filhos de S. Domingos.

Recobrou o estudante saude, a tempo que Heitor Dias da Paz era transferido á inquisição de Lisboa, por motivos mais ou menos extraordinarios, que não vingámos averiguar. O que a toda luz evidenciamos é que o hebreu esteve preso desde 10 de janeiro de 1701 até 12 de setembro de 1706.

E como sahio elle do carcere? Absolto? Penitenciado? As fêras das cavernas da santa casa esphacellaram-lhe as carnes? Deixaram-lhe ao menos o coração com algum sangue, aquelle coração de vinte e oito annos, para ainda se restau-

Suicidio

Suicidou-se, quinta-feira em Ovar, desfechando um tiro de revolver na cabeça, Alfredo Gomes Pinto, filho do nosso amigo sr. Gomes Pinto, considerado ourives d'aquella villa.

Ignora-se o motivo que levou o allucinado rapaz a semelhante resolução, tanto mais quanto é certo, que o pobre tresloucado, até ao momento de o fazer, não apparentava qualquer desgosto, antes pelo contrario, muito alegre e divertido.

A seus paes e a seu irmão Manuel, enviamos o nosso sentido pezame.

Baptismo civico

Na Bibliotheca Nacional de Paris descobriu-se uma discripção impressa de um baptismo celebrado em Toulouse, e o orador da sociedade popular, o cidadão Desbarsox disse a seguinte allocução:

«Possa este baptismo civico, substituindo as aguas lastraes com que padres mentirosos nos banham ao nascer, imprimir na alma pura d'este ser fraco, o germen das virtudes sociaes que nos inspira o amor da Republica, e recordar-lhe para sempre o dia solenne em que n'este templo angusto, calcando nos pés a hydra do fanatismo, da superstição e do erro, se falou aos nossos concidadãos ja linguagem da verdade.

Bemaventurado filho d'um pae e d'uma mãe livres, nasceste republicano. As cadeias do despotismo não circundam o teu berço.

Não esqueças nunca a dignidade da tua origem.

E vós, paes e mães sensiveis que vos achaes n'este recinto, que o amor da Patria reúne, jurae conosco prehencher o vosso dever e enviar aos vossos filhos o odio aos reis com o leite da liberdade.»

Apopellamento

Na manhã do penultimo sabado atravessou, a toda a brida, as principaes ruas d'esta cidade, um cavallo pertencente ao destamento de cavallaria 7, que fogira dos Alamos a um impedido d'um official do mesmo destamento. Na rua de S. Sebastião, porém, atropellou uma creança, filha do nosso amigo sr. Maximo Henriques d'Oliveira, do que lhe resultou ficar bastante contusa, sem que todavia, felizmente, fosse de gravidade.

O soldado ficou detido no quartel, constando-nos que o pae da creança intercedera junto do sr. capitão Pessoa para que elle não fosse castigado.

A virtude é um dever, mas é um dever muito formoso, muito grato. O caminho da virtude está semeado de flores. A tranquillidade do animo, a luz na consciencia, a esperança no coração são dons riquissimos do céu, dons que não apreciamos em todo o valor, senão quando não os temos, quando nos afflige o agudo e penoso remorso.

CASTELAR.

IV

Resposta

Abriam-se em ondas de luz o céu da manhã d'aquelle dia 12 de setembro de 1706.

Dobraram os sinos de S. Domingos. Apuzeram-se os folheiros cavallos das reaes cavallarias ás bellindas cosidas em oiro. As variagadas libréas dos allicos e ministros enfileiravam-se processionalmente depós os coches do filho de D. João IV. Ia grande movimento e alvoroço nos mosteiros. Serpejavam inoveladas as multi-

ENFORCADO

A pernear n'um dos para-raios do edificio do Terreiro, appareceu hontem um homem de roupeta e solideo, no qual reconheceram o nosso rico e amado frei Garoto da Purificação do Carmo. Socorrido a tempo por algumas almas caridosas, ainda o desgraçado se pôde salvar.

Conton então que fôra n'uma louca allucinação que tal praticára. Ralado pelos remorsos de ter sido tão canalha, e vêr geito de o continuar eternamente a ser, resolvera enforcar-se no proprio dia em que o fizera um Judas semelhante a elle. Mas que já estava arrependido da fôrma porque se quizera suicidar, pois que a corda o maguava em extremo, motivo porque, para outra vez que tal tentação lhe dêr, acabará com a existencia d'outra fôrma mais rapida. — Esmagar a cabeça de encontro a uma parede.

Depois d'este aranzel, toda a gente lhe virou as costas enojada, porque o Garoto não tem admiradores.

Pois foi pena. Foi pena não ter acabado por uma vez com a miseranda vida, pois escusavamos de vergalhar mais algumas vezes aquelle modernissimo Asmodeu.

Tentativa de deserção

No dia seguinte á chegada das 131 praças que vieram de infantaria 18, para o regimento 24, alguns soldados pretenderam desertar, chegando alguns a encaminharem se para a estação do caminho de ferro.

Deve-se o não terem embarcado ao digno sargento ajudante, sr. José Coelho d'Almeida, que os demoven d'esse proposito com admoestações sensatas e sobremodo convincentes.

Algumas das praças serão castigadas em conformidade com o delicto commettido.

Lingua Internacional

Por iniciativa do congresso das academias, reunido ha dois annos em Paris, está-se promovendo tenaz propaganda nas academias de sciencias e universidades dos diversos paizes a favor do estabelecimento de uma lingua universal para as relações scientificas e commerciaes. A commissão que dirige esses trabalhos convidou o sr. Antonio Cabreira para reunir as assignaturas dos socios da Academia Real das Sciencias de Lisboa, incumbindo de idêntica missão o sr. Thomaz Cabreira, no professorado das nossas escolas superiores.

Cambios

O cambio do Brazil sobre Londres está a 12 1/16.

Libra no Brazil: 195896 réis; em Portugal, 55630 réis.

dões que desciam da cidade alta para o escampado do Rocio. O tanger dos sinos era de morte; mas o dia era de festa, festa da egraja triumphante, festa d'um auto da fé.

D. Pedro II e seus filhos appaream no alpendre do templo de S. Domingos; e em meio de filas de fidalgos, de frades, de desembarcadores, caminharam mesuradamente por entre as naves, até se assentarem na sua alterosa tribuna, a tudo sobranceira, salvo á tribuna dos inquisidores, que era a primaz n'aquelle spectaculo satânico da piedade.

Para que todo esse egregio, até o prégador no auto da fé de 1706 era um dos mais doutos e famigerados interpretes dos evangelhos, sobre ser um dos mais abalitados escriptores de seu tempo. Nem mais

«Moda Universal» — O verão á porta

Eis aqui uma pallida ideia do numero da «Moda Universal» que anda sendo distribuida pela Agencia Nacional. Pagina da frente: corpete e saia para panno de Veneza cinzento, vestido muito distincto para tecido ligeiro; outro vestido com casaco comprido e saia Luiz XV; e muitos vestidos com jaqueta e bolero-fichu. — Pagina 2: quantidade infinita de figurinos para creanças de ambos os sexos e de todas as edades, gostos lindos e variados. — Pagina 3: saias, blouses e casacos para senhoras e meninas. — Pagina 4: saias, boleros e cabeções do ultimo chic. — Pagina 5: saias de baixo, casacos, genero alfayate, para meninas e toilettes de interior. — Pagina 6: Trajes para meninos e matineés para senhoras. — Pagina 7: capas para meninas de 4 a 16 annos; vestidos para meninos de 3 a 9 annos; chapéus de campo. — Pagina 8: chapeos-corsets, chapéus, toucas matineés, etc.

A «Moda Universal» tem sido e continuará sendo o repertorio de modas mais em voga por ser completo como nenhum outro e sobretudo o mais barato.

As nossas leitoras para o assignarem tem apenas de remetter 480 rs. em estampilhas, dentro de carta registada, ou em valle do correio, dirigida á Agencia Nacional, rua Aurea, 178 — Lisboa.

Nas salas do tribunal judicial, que se achavam decoradas a gosto, foi na quarta-feira ministrado o viatico aos reclusos das cadeias d'esta cidade.

Ao acto assistiram as autoridades judicias e administrativas.

HORARIO DOS COMBOIOS

De Aveiro para o Norte 5,21 m., correio, 1.ª e 2.ª classe. 9,00 m., mixto, todas as classes. 4,47 t., tramway, viado d'Alfarellos. 8,11 t., omnibus todas as classes. 9,49 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe.

TRAMWAYS

3,55 da manhã. 10,15 da manhã.

De Aveiro para o Sul 6,48 m., omnibus, todas as classes. 2,12 t., tramway, até Alfarellos. 5,34 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe. 10,30 t., correio, 1.ª e 2.ª classe.

TRAMWAYS

Chegada a Aveiro, terminus. 9,49 m. 9,9 t.

Os tramways partem do Porto ás 7,12 da manhã e 6,29 da tarde.

COISAS UTEIS

Lacre para garrafas Parretrem-se 900 grammas de resina de pinheiro, adicionam-se-lhe 100 grammas de sêdo e 500 grammas de roxo-rei ou pó de t-jollé finissimo.

E fica um lacre magnifico para uso das garrafeiras dos economicos.

nem menos que o reverendissimo padre mestre, geral da congregação de S. João Evangelista, chronistamôr de sua ordem, qualificador da inquisição, examinador das ordens militares, e para em breve o dizer, sacerdote de tantas partes que, nem solicitado por D. Pedro II, receitára o bispado de Macan. Já sabe o leitor curioso que se trata do padre Francisco de Santa Maria, autor do «Céo aberto na terra, da Agua do Empireo, da Saphyra venezimã e Jacintho português, do Anno historico, de muitos velumes de sermões, todos esplendidos, todos laureados, todos christianissimos; mas nenhum tão esplendido, tão laureado, tão christão, como este que sua reverendissima vae hoje prégar no auto da fé, em presença de Suas Magestades e Altezas. Este episodio da festa explica as tu-

multasas enlurradas do povo, que confluem da cidade alta á praça do Rocio; aquillo é gente que, a um tempo, farea com delicias o fartum dos corpos que vão ser queimados, e aponta as orelhas pias para não deixar perder a minima palavra da ungida oração de padre Francisco.

(Continúa.)

Nota alegre

N'um hospital: — Quantos obitos houve? — Dez, sr. doutor... — Que historia!... A quantos receitei eu hontem? — A onze, mas um não quiz tomar o remedio.

Um ladrão moribundo: — Depressa, depressa! Uma gazna! — Para que a queres tu? — Para abrir as portas do Paraíso, se S. Pedro me recusar a entrada.

Authentico: — O' sr. padre, eu estou impossibilitado de ir á missa, mas durante o seu exercicio, rezo as contas em casa e offereço-as por alma d'ella...

Tableau.

«Povo de Aveiro,» Em Lisboa, na tabacaria Honaco.

Advertisement for a book or publication, mentioning 'Lembra-se a todas as pessoas que fôrem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a ma-ravilhosa e surpre-hendente Exposição Fabril Singer, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida'.

ANNUNCIO

A Direcção da Associação Aveirense de Soccorros Mutuos das Classes Laboriosas, faz publico que no dia 19 do corrente mez, pelas 4 horas da tarde, na respectiva secretaria, se procederá á licitação verbal da empreitada de reconstrução de uma casa que a mesma Associação possui na rua de Santa Catharina, em Aveiro.

A obra será adjudicada ao licitante que offerecer o lanço mais brixo. Só poderão licitar os individuos que houverem previamente feito o deposito de 5000 réis, deposito que será restituído logo que termine a praça.

O projecto e condições estão patentes na loja do sr. Antonio Marques d'Almeida, secretario da Direcção, aos Arcos, onde podem ser apreciadas pelos interessados.

Aveiro e Secretaria da Associação, 8 de abril de 1903.

O PRESIDENTE DA DIRECÇÃO, Luiz Gonçalves Moreira.

multasas enlurradas do povo, que confluem da cidade alta á praça do Rocio; aquillo é gente que, a um tempo, farea com delicias o fartum dos corpos que vão ser queimados, e aponta as orelhas pias para não deixar perder a minima palavra da ungida oração de padre Francisco.

A procissão dos condemnados é longa. São mais de cincoenta, homens e mulheres, os que vão padecer ou galés, ou desterro, ou prisão perpetua, ou garrote e fogueira, ou a fogueira em vida. D'estes ultimos ha cinco, tres homens e duas mulheres, relaxadas em carne, como rezam as sentenças.

(Continúa.)

**Cura do rheumatismo**

O linimento anti rheumatico de Miranda, é o melhor remedio até hoje conhecido para a cura d'esta doença. Numerosos attestados de doentes provando os seus bons resultados. Faz desaparecer em curto espaço de tempo as dores ao padecente.

Envia-se pelo correio para todas as terras.

Preço do frasco 500 réis. Pelo correio 550 réis.

Deposito pharmacia Miranda  
RIO TINTO

**VENDA DE CASA**

Vende-se um predio de casas altas na rua de Jesus e em frente á igreja do Convento.

Tem um pequeno pateo e sahida para a rua do Rato.

Trata-se na rua Direita, n.ºs 43 a 45.

**LANDEAU**

VENDE SE um quasi novo. Nesta typographia se diz.

**Vinhos de Bucellas**

Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

**N. B.—Só se garante o proprio vinho o vendido no mesmo estabelecimento.**

**BAGAÇOS ALIMENTARES**

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

**ARMAZENS DA**

**BEIRA-MAR**

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22  
R. DOS MERCADORES, 1 A 5

**AVEIRO**

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

**CONFECÇÕES:**

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros. Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida). Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada. Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas. Louças de porcelana, quinquilharías, bijouterias, perfumarias (importação directa). Flores artificiaes e cordas funerarias. Ampliações photographicas. Encadernações. **N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importância.**

**MINERVA**

Nesta typographia compra-se uma de pequeno formato, em segunda mão. Escrever carta mencionando preço.

**HISTORIÁ**

**REVOLUÇÃO PORTUGUEZA De 1820**

Illustrada com magníficos retratos dos grandes patriotas d'aquella época

**ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA**

Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanais de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia de familia, tem de ser guardada na bibliotheca de cada lar como testemunho authenticó do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como estes lutaram pela santa causa da liberdade.

**Condições da assignatura extraordinaria**

Cada fasciculo de 32 paginas ..... 60 réis  
Cada vol. brochado.. 1:500 »  
Obra completa (4 vol) 6:000 »

A assignatura por fasciculos pode ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante. Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria Nello Gulmarães.

**HORAS ROMANTICAS**

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, no alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.—3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.—1. vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.—1 vol.

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthel.—1 vol.

SENHOR EU, de Farina.—1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

**ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO**

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 42 a 44

**CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS**  
Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra. Extrah, obtura, colloca dentes e encarrega se do concerto de dentaduras  
R. DIREITA, 58, 1.º Aveiro

**Cathecismo Moderno**

(ILLUSTRADO)

Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.

Preço 50 réis

A venda na Livraria Elysio—Rua Formosa, 282 PORTO

**COSINHA PORTUGUEZA**

ARTE CULINARIA NACIONAL COLLABORAÇÃO DE SENHORAS (Productó reservado a um fim patriótico e piedoso)

2.ª edição, muito melhorada

Contém:—Preliminares sobre Modo de bom viver; A nossa habitação; A agua; A nossa alimentação; O nosso vestuario; Preceitos diversos.

795 receitas, com as seguintes secções: Sopas e purés, 11; Legumes e hortaliças, 25; Carnes diversas, 100; Croquetes e almondegas, 15; Peixes diversos (receitas de bacalhau, 35), 91; Molhos diversos, 28; Massas e entre meios, 19; Pastéis, tortas e empadas, 29; Ovos e omeletas, 27; Saladas diversas, 8; Doces de sobrezeza, 216; Compotas e conservas, 54; Doces de chá, 155.—Total 795.

A venda unicamente na Imprensa Academica, de Coimbra para onde devem ser feitas as requisições, acompanhadas de sua importancia, que é:—Em brochura, 600 rs. Pelo correio, 650. Em formosa cartonnagem, 700. Idem 760 réis.

**O DILUVIO**

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolvem-se nesta obra, no laço de paginas vibrantes e commovedoras, as homericas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA Successora da antiga casa David Corazz

**Viagens Maravilhosas**

Coroadas pela academia franceza

**A CARTEIRA DO REPORTER** POR JULIO VERNE

**SIGAMOL-O!**

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima enpa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, em todas as tabacarias e livrarias.

**DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA**

DA ACREDITADA FABRICA

**"PFAFF,"**

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para corrieiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

**A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura**

Ensino gratis. Garantia illimitada. A prestações e a dinheiro com grandes descontos. Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes. Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura. Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente. Pedidos a

José Maria Simões & Filho

**ANADIA—SANGALHOS**

**O FOGO**

Notabilissimo romance de Gabriel de Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. É esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entreecho e pela sua forma artistica e impecavel.

DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

**ROLÃO PALMA**

ESTA fariuha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe AVEIRO

**SEM DOGMA**

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

**QUO VADIS?**

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

**A NOVA PHASE**

DO SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.

Preço 200

**MAIS UM TRIUMPHO!**

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79